

A POESIA DE AGENOR BARBOSA NAS REVISTAS *VITA* E *A VIDA DE MINAS*

Nelise Pereira da Silva Pacheco¹
Marcos Vinícius Teixeira²

RESUMO: Apresentado por Menotti del Picchia como um “poeta futurista”, visão que é reafirmada em seguida por Oswald de Andrade, Agenor Barbosa nos chegou como um personagem significativo nos antecedentes da *Semana de Arte Moderna*. No entanto, dada a ausência de livros, sua poesia permaneceu desconhecida do público atual. Mais desconhecida ainda é a sua poesia escrita em época anterior, quando publicava nas revistas mineiras *Vita* (1913-1915) e *A vida de Minas* (1915-1916) e o escritor vivia uma fase passadista na qual se observa em seus versos uma dimensão simbolista, muito distante portanto do que chegou a ser chamado de “futurismo paulista”. Nesse sentido, o objetivo deste trabalho é apresentar as revistas mineiras situando, por meio de análise, alguns poemas de Agenor Barbosa.

PALAVRAS-CHAVE: Agenor Barbosa, *Vita*, *A vida de Minas*, Simbolismo.

O presente trabalho visa apresentar as revistas mineiras *Vita* (1913-1915) e *A vida de Minas* (1915-1916), situando, por meio de análise, alguns poemas de Agenor Barbosa. O escritor mineiro Agenor Barbosa está inserido no universo cultural das revistas, pois publicou seus versos em diversas edições dos periódicos, além de ter exercido o cargo de secretário de redação da revista *A vida de Minas*, na qual recebeu destaque por suas atividades na edição 01, de 15 de julho de 1915.

O estado de Minas Gerais até o final do século XIX possuía a cidade de Ouro Preto como a capital. Em 1897 foi inaugurada a cidade de Belo Horizonte que, desde a sua construção, foi planejada para sediar a nova capital mineira. Belo Horizonte, também conhecida como “Cidade Jardim” por suas paisagens, possui um rico acervo histórico que preserva o seu processo de construção. As revistas literárias e culturais *Vita*, com edição mensal, e *A Vida de Minas*, com edição quinzenal, circulavam em Minas Gerais e são exemplos de acervo histórico que retratam o universo cultural da época abordando os acontecimentos da vida social e intelectual, os eventos relacionados à política, economia, esporte, moda e literatura.

As revistas possuíam uma seção dedicada a homenagear as autoridades da alta sociedade como médicos, juízes, advogados, desembargadores, engenheiros, políticos entre outros. Em homenagem às mulheres, a revista *Vita*, a partir da edição número cinco,

¹ Acadêmica do 4º ano de Letras da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS) - Unidade Universitária de Jardim-MS.

² Professor do curso de Letras da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS) – Unidade Universitária de Jardim-MS / FUNDECT.

de 30 de novembro de 1913, passou a instituir uma nova seção intitulada “A Hora Chic” destinada a registrar os assuntos relacionados à moda e ao que era produzido pelos melhores *ateliers* de costura da capital mineira.

No cenário político os periódicos publicavam relatórios e editais dos órgãos públicos mineiros. Informações sobre o governo como as atas da Assembleia Geral e as mensagens do presidente do estado eram publicadas na íntegra. Algumas edições informavam aos leitores todas as obras realizadas até o término do mandato, bem como as solenidades realizadas em comemoração ao aniversário do governo. Mas as revistas também abriam espaço para crítica. Por meio de quadras, por exemplo, um escritor nomeado como Fritz usava expressões simples com linguagem popular e riqueza temática para manifestar reclamações ao governo.

QUADRA
Para conjurar a crise
E a falta de numerários
Basta que o Congresso corte
Nos meses extraordinários. (VITA, 1913, n. p.)

Os assuntos dedicados à arte eram muito abordados nas revistas proporcionando uma atenção para divulgação dos artistas e às suas produções. Os espetáculos, apresentações de orquestra e encenações teatrais, eram divulgados pelos periódicos e constituem um bom exemplo de diversão da sociedade da época. Outra atração divulgada nas páginas das revistas era a exposição de obras de arte.

Como revista literária, *Vita* e *A vida de Minas* apresentam diversos autores como Mamede de Oliveira, Edgard Matta, Ramos Arantes, Mendes de Oliveira, Costa Brasil, Abílio Barreto, Rodolfo Machado, Vargas Junior, Baptista Brasil, Hermes Fonte, Assis Vianna, Bernardo Guimarães, Agenor Barbosa, Mário de Azevedo, Gastão Itabirano, Paulo Brandão, que abriram caminho com a publicação de diferentes poemas, muitos inéditos para as edições dos periódicos. Dentre os poetas mineiros consagrados encontram-se Alphonsus de Guimaraens, Archangelus de Guimaraens e José Severiano Resende.

O poeta Alphonsus de Guimaraens, cabe ressaltar, é um dos maiores representantes do Movimento Simbolista no Brasil. Sua poesia é marcada pela mística e pela religiosidade católica. Segundo Bosi:

Alphonsus de Guimaraens foi poeta de um só tema: a morte de sua amada. Nele centrou várias esferas do seu universo semântico: a natureza, a arte, a crença religiosa. Mas não devemos cair na tentação de chamá-lo poeta

monótono, a não ser que se dê à monotonia o valor positivo que ela assume em poetas maiores, um Petrarca ou um Leopardi, que souberam aprofundar até às raízes o seu motivo inspirador, permanecendo-lhe sempre fiéis. (BOSI, 2015, p. 296)

A edição nº 05 da revista *Vita* de 30 de novembro de 1913 relata grande homenagem ao poeta Alphonsus de Guimaraens.

Merece a solidariedade de todos os intelectuais mineiros a ideia feliz que tiveram alguns beletistas de Juiz de Fôra, chefiados por Belmiro Braga, Alberto Olavo (Mario Mattos) e Franklin Magalhães, de se realizar ali uma grande homenagem a Alphonsus de Guimaraens, o excelso artista do misticismo, o cinzelador de *Dona Mística*. O glorioso poeta, recolhido ao seu retiro de Mariana, opulenta diuturnamente o patrimônio literário de Minas, burilando versos impecáveis suavíssimos, que são uma delícia para os que cultuam a grande Arte, a entendem e a estimam. (VITA, 1913, n. p.)

Maior prestígio, no entanto, contou o poeta parnasiano Olavo Bilac, que foi destaque nas edições das revistas. As edições da revista *A vida de Minas* publicaram alguns de seus poemas e cartas endereçadas ao diretor da revista. A edição nº 25 apresentou ampla e rica reportagem com todos os acontecimentos sobre a visita de Olavo Bilac a Belo Horizonte, desde a sua chegada, onde estavam presentes muitos admiradores, sua estadia na capital mineira e as atividades que realizou, encerrando com sua despedida na estação de trem.

Ainda sobre o universo literário, a primeira edição da revista *A Vida de Minas*, de 15 de julho de 1915, exibiu a tradução de dois poemas, “*Nascer*” e “*Morrer*”, do escritor indiano Rabindranath Tagore, premiado com o Nobel de literatura de 1913. Já a revista *Vita* organizava o Concurso Literário para as traduções dos poemas de escritores estrangeiros.

As revistas *Vita* e *A vida de Minas* apresentam também informações do ensino, com fotos das professoras e seus alunos nas escolas de várias cidades do estado de Minas Gerais. A pedido dos leitores a revista *Vita* criou a Seção Gramatical, uma coluna destinada a ensinar a falar e escrever adequadamente, em que estimulava os leitores a enviarem suas dúvidas e realizava o modelo de análise lógica de uma oração. As edições da revista *A vida de Minas*, respondendo também ao desejo dos leitores, estabeleceu uma coluna com resumo das regras gramaticais, como na edição nº 19, de 15 de maio de 1916, que apresenta o resumo das regras de colocação dos pronomes direcionado às professoras primárias do estado.

Os periódicos apresentam um valioso registro das poesias de Agenor Barbosa, em que é possível analisar e identificar as características dos versos publicados pelo poeta.

Para uma melhor compreensão de sua inserção nas revistas, faremos uma breve contextualização biográfica. Agenor Barbosa nasceu em 1896 na cidade de Montes Claros. Em 1912 mudou-se para Belo Horizonte e iniciou seu trabalho na imprensa. Escreveu em jornais como *Diário de Minas* e *Estado de Minas*. Em seguida, em 1916, transferiu-se para São Paulo onde trabalhou no jornal *Correio Paulistano*. No ano de 1926 se formou em Direito e realizou trabalhos como advogado. Além de atuar como jornalista e advogado Agenor Barbosa foi um poeta que atuou em dois momentos distintos da literatura brasileira. Primeiramente, seus versos publicados nas revistas *Vita* e *A vida de Minas*, no período entre 1913 a 1916, apresentam características ao movimento simbolista. O segundo momento, o poeta apresenta poemas vanguardistas ligados ao movimento modernista publicados no jornal *Correio Paulistano*. Parte da trajetória de Agenor Barbosa encontra-se na obra *Efemérides Montesclarenses*, de Nelson Vianna, o livro reúne o registro de personalidade e fatos que ocorreram em Montes Claros nos séculos XIX e XX.

Segundo Bosi, Agenor Barbosa ao lado de Guilherme de Almeida, Ronald de Carvalho, Álvaro Moreira, Elísio de Carvalho, Oswald de Andrade, Menotti Del Picchia, Mário de Andrade, entre outros, foi um poeta que fez parte do grupo de escritores que participaram da *Semana de Arte Moderna*. As poesias de Agenor Barbosa publicadas no *Correio Paulistano* apresentam ligação com a primeira fase do Modernismo no Brasil, momento em que o escritor é tido como futurista por Oswald de Andrade e por Menotti Del Picchia. Bosi destaca ainda que na *Semana de Arte Moderna*, Agenor Barbosa obteve aplausos ao declamar o poema “Os Pássaros de Aço”. Já Mário da Silva Brito destaca como Agenor Barbosa era descrito por Menotti Del Picchia:

[...] Menotti ainda revela a poesia de Agenor Barbosa, afirmando que o autor “é, certamente, entre os ‘novos’ de São Paulo, dos maiores poetas, dos mais atuais, dos mais sentidos”, apontando seu “senso real de arte nova” e exaltando a sua condição de “avanguardista, de bandeirante do credo novo”. (BRITO, 1997, p. 212)

Ao analisar o período anterior ao jornal *Correio Paulistano* nota-se que o poeta Agenor Barbosa tem uma inclinação voltada para o Simbolismo. Os poemas “No S. Francisco” e “Soneto” publicados na revista *Vita* são exemplos da escrita do poeta destacando o momento em que vivia a fase passadista na qual se observa em seus versos a dimensão simbolista.

NO S. FRANCISCO

Para Columbano Duarte

Nesta noite de lua é que o luar da saudade
Ronda o meu coração, meu coração povoa...
A aza da Nostalgia estende-se... A canoa
Resvala e essa tristeza agônica me invade...

E eu que trago o meu peito assim, na obscuridade,
Como a face estagnada e erma duma lagoa,
sinto a onda luminosa e fecundante e boa
rolar do coração de luz da imensidade...

E o rio vai descendo: arfa, soluça e chora...
Uma vela se esfuma, ao longe, o luar descora
E a viola anda a gemer, sonâmbula, chorando...

No silêncio de em torno, ao brando murmúrio
da canção que agoniza, o soluçar do rio
é a alma de Paulo Affonso, estática, rezando!...
(VITA, 1914, n. p.)

Ao iniciar a leitura do poema, o título chama a atenção do leitor para uma apresentação do cenário imagético, carregado de simbologia e inserindo o leitor em um universo poético repleto, de imagens, musicalidade e sensações. O título relata um importante curso de água do território brasileiro, o Rio São Francisco, sua nascente está localizada na Serra da Canastra em Minas Gerais passando por cinco estados brasileiros.

O poema apresenta características marcantes do movimento simbolista como a linguagem sugestiva. O Simbolismo buscou estabelecer uma relação entre o mundo abstrato e concreto, assumindo uma estética marcada pela subjetividade. Alfredo Bosi afirma que nesta estética ocorre “A passagem da tônica, no nível das intenções: do objeto, nos parnasianos, para o sujeito, nos decadentes, com toda a sequela de antíteses verbais: matéria-espírito; real-ideal; profano-sagrado; racional-emotivo” (BOSI, 2015, p.285).

Retomando a leitura do poema de Azenor Barbosa, a subjetividade está presente na primeira estrofe, em que o eu lírico associa a lua ao luar da saudade. Naquela noite de luar é que a saudade se fez mais forte intensificando a dor. No verso “Nesta noite de lua é que o luar da saudade” o poeta evoca a lua para expressar o sentimento, transmitindo um estado de espírito correspondente a paisagem noturna. Seguindo a composição da paisagem, o sentimento é disseminado e prolongado, nos dois últimos versos da primeira estrofe “A aza da Nostalgia estende-se... A canoa” e “Resvala e essa tristeza agônica me invade...” o conjunto de palavras forma uma sequência de significados sugerindo que o

eu lírico segue nesta canoa e desce suavemente as águas do rio embalado por uma tristeza que o agoniza.

A segunda estrofe apresenta uma continuidade ao sentimento de tristeza. Nesse quarteto, o eu lírico compara a tristeza com as águas de uma lagoa, que são contidas em um espaço restrito com pouco fluxo; as águas não correm por outro caminho, isso aumenta a impressão de isolamento e solidão. É quando surge um sentimento bom comparado a uma onda luminosa que faz contato com outros sentimentos.

Os simbolistas renovaram a linguagem poética ao trabalhar a sonoridade, de acordo com Afrânio Coutinho. O movimento simbolista, segundo ele, aproximou artes distintas buscando elevar a condição da poesia.

Além do símbolo, como representação da vida, a poesia simbolista retirava grande efeito dos elementos musicais, tonais e rítmicos, bem como da cor. Foi uma das características da época simbolista a fusão da música, pintura e literatura. Reintroduzir a música na poesia, realizar por palavras o que as notas faziam na música, através da sugestão e evocação, criando uma atmosfera, eis o que idealizava o simbolista. (COUTINHO, 2002, p. 322)

Na sequência do soneto, temos os sentimentos representados por um rio que corre, se movimenta mesmo aos prantos. A imagem da vela que se apaga remete à morte, em um espaço de penumbra deixado pelo luar que se descora. No verso “e a viola anda a gemer, sonâmbula, chorando...” é possível observar a melodia que influencia os sentimentos do eu lírico causando melancolia. A viola faz uma referência nítida a um instrumento musical popular da cultura brasileira. A relação da viola com o rio que vai descendo pode ser associado as diversas formas de afinação que o instrumento possui, uma delas é a afinação “viola rio abaixo”³, com uma sonoridade única faz menção a um encantador de almas presente nas lendas dos violeiros. A tristeza orienta o curso das águas do rio.

Ao final do soneto, o eu lírico revela que o curso do rio é a alma de Paulo Afonso. As quedas de água que formam a cachoeira de Paulo Afonso se espalham e revelam a obscuridade de uma alma inerte. A cachoeira soluça como quem chora fazendo alusão a uma pessoa que deixou saudade. Assim como a vela que se esfuma, a canção agoniza, o que possui duplo sentido: por um lado, temos uma canção triste, por outro, é uma canção que morre, como um moribundo que agoniza diante da própria morte. O poema, nesse

³ O livro *Uma viola rio abaixo*, do autor Angelim, relata informações sobre a famosa afinação de viola “Rio Abaixo”.

sentido, exprime intuições que nos revelam pouco a pouco uma tristeza agônica de um eu lírico que segue para sua própria morte.

Outro soneto de Agenor Barbosa, que possibilita observarmos em seus versos uma linguagem e um tratamento do tema ligados à estética simbolista, traz em seu título a denominação do próprio gênero. Vejamos:

SONETO

Era minha ambição, pelas estradas
Que assim vou palmilhando, hoje sozinho,
ir, contigo, filhinha, de mãos dadas,
todo envolvido pelo teu carinho.

Volto de horas de febre já passadas
Estupefato, trêmulo, velhinho,
vendo a juncar-me as ilusões quebradas,
toda a larga extensão do meu caminho.

Triste, esboroado o sonho no meu peito,
hei de seguir sonâmbulo, chorando,
transfigurado, pálido, desfeito,

para a Ventura que não conheci...
para onde vejo, eterna, me acenando,
toda a esperança, toda, que eu perdi !... (VITA, 1914, n. p.)

Publicado na revista *Vita*, os versos são marcados pela aflição e decadência de um eu lírico que tenta afastar o descontentamento da própria realidade, manifestando o lamento, a desilusão e o transtorno. Logo no primeiro verso o eu lírico anuncia seu intenso desejo de viver uma vida diferente da sua realidade. O descontentamento de trilhar a estrada da vida, agora sozinho, revela o sofrimento com a ausência da filha, o fato de lhe ter sido furtado viver ao lado dela, repleto de carinho e atenção.

Imagem significativa no soneto está no entrelaçamento das mãos, que permitiriam ao pai prosseguir pelas estradas, que agora caminha esvaído de sentido, de maneira outra, venturosa. Ao signo da mão vazia, a pendular sem vida no ritmo do andarilho, soma-se um outro entrelaçamento, mas agora marcado pelo verbo juncar, que, de junco, revela um caminho dificultoso em que a vegetação se revela um obstáculo a quem ousa prosseguir. Neste caso, o juncar se refere à figura do pai, que, envolto a ilusões do passado, se vê caminhando numa estrada de larga extensão, o que apenas aumenta a sua solidão e sofrimento na vida que não se finda. As horas de febre, no entanto, ficaram para trás,

apesar de o homem que segue não ter mais motivos para viver. A perda da filha recebe, no poema, um tratamento delicado pelo uso do diminutivo, podendo traduzir também a ideia de criança pequena e, nesse sentido, a significação de vida interrompida.

Se ao ser visto pela sua exterioridade, este pai caminha por uma estrada que lhe é refratária e possui o semblante estupefato, o corpo trêmulo e velho, pelo seu interior não é diferente e o leitor encontrará um universo infundável de tristeza, pois o sonho, que o alimentava feito chama de vida, desmoronou-se. À vida da filha que começava e foi interrompida liga-se o sonho golpeado e destruído. Os versos que caracterizam o ser que vai só possuem riqueza sonora que vale notar: “ei de seguir sonâmbulo, chorando, / transfigurado, pálido, desfeito”. Verifica-se aí um esquema bastante interessante na utilização das assonâncias. Os dois versos são heroicos e podem ser divididos em duas partes cada um em relação ao seu universo sonoro. As quatro primeiras sílabas poéticas do primeiro revelam um trabalho com os fonemas *e* e *i*, enquanto que no restante do verso predomina a assonância com os sons das vogais *a*, *o* e *u*. No verso seguinte, esta musicalidade aparece ao contrário, permitindo um quadro sonoro preciso, bem ao gosto da estética simbolista. Enquanto o primeiro terceto demonstra, tanto por seu aspecto musical quanto pela semântica dos termos enumerados, o estado de tristeza em que caminha a figura do pai, pintando-lhe o caminhar, no último terceto, marcado pela preposição para, aponta-se o destino inexistente, marcado pela negatividade.

Verifica-se assim, por meio dos sonetos que acabamos de comentar, que a poesia de Agenor Barbosa encontrada nas revistas mineiras do início do século XX permitem situar uma fase passadista do escritor em que o universo simbolista é evidenciado de forma importante. Desconhecida hoje dos leitores e da própria crítica literária, essa fase contribui para que haja um resgate do universo literário deste escritor, sempre lembrado pela ideia do futurismo paulista que Oswald de Andrade e Menotti Del Picchia buscaram ver na nova poesia que antecedeu a *Semana de Arte Moderna*. O termo passadista surge para essa fase do autor não como uma diminuição da estética simbolista, posto que sua poesia ligada ao Simbolismo é rica e merecedora de um resgate maior que permita a sua avaliação crítica, mas pelo fato de sabermos que este poeta trilhará caminhos diferentes pouco tempo depois em sua atividade literária e que já havia condições nos anos de publicação das revistas de encontramos já textos pré-modernistas ou mesmo ligados à estética Art Nouveau, como propõe José Paulo Paes ao repensar uma avaliação estética desta mesma época.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANGELIM. *Uma viola rio abaixo*. Brasília: Thesaurus, 2014.
- BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. 38. ed. São Paulo: Cultrix, 1994.
- BOSI, Alfredo. A intuição da passagem em um soneto de Raimundo Correia. In: *Leitura de poesia*. Organização Alfredo Bosi. Ática, 2003.
- BRITO, Mário da Silva. *História do Modernismo brasileiro: antecedentes da semana de Arte Moderna*. 6. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1997.
- COUTINHO, Afrânio. *A Literatura no Brasil: era realista era de transição*. 6. ed. São Paulo: Global, 2002.
- MURICY, Andrade. *Panorama do movimento simbolista brasileiro*. São Paulo: Perspectiva, v.1, 1987.
- PAES, José Paulo. *Gregos e Baianos*. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- VIANNA, Nelson. *Efemérides Montesclarenses – 1707-1962*. Rio de Janeiro: Irmão Pongetti Editores, 1964.
- VIDA DE MINAS. Belo Horizonte: [s.n], 1915-1916. Quinzenal. Não paginado.
- VITA. Belo Horizonte: [s.n], 1913-1915. Mensal. Não paginado.